

UM OLHAR CRÍTICO PARA OS ERROS DE GRAFIA DOS ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL NIVALDA LIMA FIGUEIREDO*

Ellen Bianca da Silva Barreto
Heloísa Cristina Renovato
Jackeline de Carvalho Peixoto
Josilene de Jesus Mendonça
Thiers de Andrade Soares**

RESUMO: Nos dias atuais, o domínio da norma culta é essencial para o indivíduo atuar na sociedade, para tanto, a escola tem o dever de promover o acesso dos estudantes a tal competência. Dentro desse contexto, o presente trabalho discorre acerca da ortografia, visto que, esta é essencial para a promoção do entendimento do texto. A partir de tais pressupostos, fizemos um levantamento dos erros ortográficos e estudamos as causas de tais ocorrências nos textos dos alunos do 6º ao 9º ano da Escola Municipal Nivalda Lima Figueiredo, localizada no município de Itabaiana/SE. Ao observar os erros de grafia, percebemos a influência da oralidade na escrita e a falta de contato com as palavras por parte dos alunos, ocasionando assim, a escrita errada das palavras. Os resultados da quantificação dos erros de escrita das palavras são alarmantes, tendo em vista o nível escolar no qual os alunos se encontram. Entretanto, o avanço é notório, pois ao comparar as séries, é perceptível que a cada ano a quantidade de erros ortográficos é menor, fato este que prova a considerável contribuição da escola. Por fim, expomos algumas propostas de ensino, com o intuito de contribuir na evolução dos alunos, para que estes se adequem ao campo ortográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; língua culta; ortografia.

* Este trabalho é decorrente da execução do subprojeto de Letras da Universidade Federal de Sergipe contemplado pelo Edital 02/2009 CAPES/DEB – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/UFS), desenvolvido sob orientação da Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag. O subprojeto desenvolve atividades de ensino envolvendo os licenciandos em Letras Português do Campus Prof. Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe e os supervisores das escolas da rede municipal de Itabaiana/SE participantes no sentido de aprimorar as habilidades de leitura e escrita no 2º ciclo da educação básica (6º ao 9º ano), a fim de oportunizar aos licenciandos em Letras Português do Campus Prof. Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe a implementação de técnicas de produção textual articuladas com os pressupostos teóricos estudados em sala de aula e também proporcionar encontros de capacitação aos professores de Língua Portuguesa da educação básica das escolas envolvidas no projeto e aos licenciandos em Letras Português do Campus Prof. Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe, para fomentar a discussão e avaliação da prática de redação em sala de aula, instaurando um espaço permanente de ações, discussões e produção de materiais didáticos cujo foco é o aprimoramento das habilidades de leitura e escrita na educação básica.

** Graduandos do curso de Letras da Universidade Federal do Sergipe – UFS, campus Prof. Alberto Carvalho, Itabaiana.

ABSTRACT: Nowadays, the field of cultural norms is essential for the individual to function in society, to this end, the school has a duty to promote students' access to such expertise. Within this context, this work talks about the orthography, since this is essential to promoting understanding of the text. Based on these assumptions, we conducted a survey of spelling errors and study the causes of such occurrences in the texts of students from 6th to 9th year of the Municipal School Nivalda Lima Figueiredo, located in the city of Itabaiana / SE. Observing the spelling mistakes, we see the influence of orality in writing and lack of contact with the words by the students, thus causing the misspelling of words. The results of the measurement errors of writing of words are alarming in view of the level in which school students are. However, progress is evident, as when comparing the grades, it is noticeable that each year the amount of spelling errors is smaller, a fact that proves the considerable contribution of the school. Finally, we set out some proposals for education, in order to contribute to the development of students so that they are appropriate in the field of spelling.

KEY WORDS: Education, educated language, spelling.

Introdução

Em uma sociedade como a que vivemos, onde as pessoas recebem maior ou menor valor de acordo com o uso que fazem da sua língua materna, é imprescindível conhecermos a variedade culta do português, da qual a ortografia faz parte. Nessa perspectiva,

o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 23).

A norma culta é uma variedade linguística de maior prestígio social, que está relacionada ao poder e ao nível de escolaridade de seus falantes, ou seja, a norma culta está restrita a um pequeno grupo de indivíduos que transferem seu *status* social à variedade que utilizam. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), o prestígio dessa variedade está associado a questões culturais, relacionadas a heranças ainda dos tempos coloniais, e ao nível de escolaridade dos falantes. Já para Votre (2007), a norma culta goza de prestígio devido ao

nível socioeconômico de seus usuários. Ainda com relação ao prestígio social dos falantes da norma culta, Bagno (2009) afirma que este prestígio refere-se à alta escolarização e à vivência urbana daqueles.

Devido a tal *status*, nem todos os falantes do português têm acesso a essa variedade. Por isso, quando o aluno chega à escola, esta deve auxiliar na ampliação de seus recursos comunicativos (incluindo o conhecimento ortográfico), já que existem situações sociais em que tal competência é requerida para que se consiga exercer a cidadania na sociedade, como, por exemplo, ter acesso ao mercado de trabalho.

É na escola que o aluno amplia o conhecimento linguístico que já possui, ampliação essa que se faz muito importante para o desenvolvimento escolar e social. Escrever segundo os padrões normativos, por exemplo, – o que inclui ortografia e gramática – é bastante relevante para o acesso pleno de todo e qualquer indivíduo à cidadania. Além disso, o aluno que foge ao padrão de escrita das palavras é estigmatizado socialmente, na maior parte dos casos, pelos próprios professores, que criam juízos de valor negativos.

Porém, o aprendizado da ortografia não é tão simples. Diversos docentes utilizam práticas pedagógicas inadequadas e tradicionais no que tange ao ensino da ortografia, como as listas de regras para a escrita correta das palavras. Essas listas apenas elencam como se deve escrever e não trazem explicações, ou seja, o porquê de se escrever de determinada forma, as implicações sociais, entre outras. De forma descontextualizada, é difícil alcançar resultados produtivos. É preciso que o ensino de ortografia esteja ligado ao contexto em que o estudante está inserido. Ele deve ver as palavras fazerem parte de seu dia a dia, entender o uso dessas palavras e a necessidade de escrevê-las corretamente.

Sabe-se que existem crianças com reais dificuldades de aprendizagem, o que envolve um tratamento médico. Mas, é sabido também que “(...) a grande maioria não aprende por falta de propostas e condições educacionais mais apropriadas, caracterizando o que podemos chamar de “pseudo” distúrbios de aprendizagem: projetam – se no aprendiz as deficiências do ensino” (Zorzi, 2003 *apud* DIAS, 2009, p.167). Em outras palavras, parece-nos que a falta de propostas e métodos para o ensino da ortografia é refletida nos estudantes, como se eles fossem os culpados pelo aprendizado insatisfatório.

Ainda sobre o ensino de ortografia, Morais (1999 *apud* DIAS, 2009, p. 172-3) afirma que

na maioria das vezes as escolas continuam não tendo metas que definam os avanços que esperam promover sobre conhecimentos ortográficos dos aprendizes a cada série do Ensino Fundamental. Nesse espaço de identificação, a ortografia continua sendo mais um objeto de avaliação, de verificação, que de ensino. Em lugar de criar situações de ensino sistemático a atitude de muitos educadores parece revelar mais uma preocupação em verificar se o aluno está escrevendo corretamente. Isso fica muito claro, por exemplo, no modo como tradicionalmente se realizam os ditados na escola.

A procura por métodos mais eficientes de se promover, dentre outras habilidades, a aprendizagem da ortografia deve ser uma constante no trabalho do professor, tendo em vista que a adoção apenas dos métodos convencionais de se ensinar a ortografia, a nosso ver, não se faz suficiente a uma aprendizagem consistente por parte dos estudantes, o que se reflete, sobretudo, em suas produções textuais escritas.

Nessa perspectiva, neste trabalho, fazemos uma análise panorâmica da ortografia empregada em textos narrativos produzidos pelos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental da Escola Municipal Nivalda Lima Figueiredo, localizada na cidade de Itabaiana/SE, onde atuamos como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tendo como objetivo identificar os possíveis erros de grafia dos alunos, a fim de pautarmos o desenvolvimento de ações interventivas na escola.

1 – O domínio da língua culta numa perspectiva socioeducacional

Ascender socialmente é um desejo de todos. Para tanto, dominar a língua culta é muito importante, na medida em que o emprego de tal variedade oferece oportunidades de crescimento. Como postula Bortoni-Ricardo (2005),

o prestígio do português culto, padronizado nas gramáticas e dicionários e cultivado na literatura e nos mais diversos domínios institucionais da sociedade, não se restringe, como seria de esperar, aos grupos de seus usuários; ao contrário, perpassa todos os segmentos sociais. Varia apenas a

sua manifestação, em função do acesso diferenciado que esses grupos têm às normas que funcionam como um quadro referencial da correção e propriedade linguística. O cidadão erudito aprecia a língua culta, que por sinal é o seu meio natural de comunicação, mas o trabalhador braçal, a empregada doméstica, os milhões de iletrados também o fazem. Demonstram igualmente um sentimento positivo em relação à “boa linguagem”, à linguagem daqueles que têm estudo. Uma evidência disso é que as lideranças políticas das nossas classes trabalhadoras se esmeram em falar um português escorreito em suas aparições públicas, no que nem sempre têm total sucesso em virtude de sua sociabilização ter ocorrido no âmbito das variedades populares. O prestígio associado ao português-padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação (BORTONIRICARDO, 2005, p. 14).

O domínio da norma culta é imprescindível para a real inserção social do aluno, pois existem determinadas situações interacionais em que a utilização de tal norma é essencial para o exercício da cidadania, como, por exemplo, uma entrevista de emprego, uma palestra, a escrita de documentos oficiais etc. Diferentemente do que muitos podem pensar, a norma culta não diz respeito somente à fala, mas também à escrita. Situa-se nesse âmbito a ortografia.

A variação é característica de toda e qualquer língua natural, principalmente na modalidade oral, em que há maior flexibilidade, maior liberdade. Entretanto, a padronização da língua é necessária, tendo em vista que, sem ela, a comunicação escrita (e, por conseguinte, a difusão de ideias) poderia tornar-se um problema. Segundo Geraldi (2006, p. 33),

o padrão tem muitos valores e não pode ser negado; não é verdade que ele desculturaliza, que veicula necessariamente uma só ideologia. Não é verdade que é muito difícil - o não-padrão os alunos já sabem. Falar em não ensinar o padrão equivale a tirar o português das escolas.

Ainda acerca da ideia de padronizar a língua, Rosa Virgínia Mattos e Silva (2005) expõe que, em línguas históricas, como a portuguesa, há “a necessidade social de unificação, padronização, em face da realidade heterogênea” (SILVA, 2005, p. 11).

O modo de escrever as palavras foi padronizado e segui-lo é muito importante, tendo em vista não só a facilidade de compreensão em relação ao que foi escrito, mas também ao *status* social conferido àqueles que fazem uso da variedade culta da língua. Usar a ortografia,

dentro do que prescrevem os compêndios gramaticais, é uma das preocupações (embora não a principal) do PCN de Língua Portuguesa, o qual prega que os alunos tenham condições de “escrever textos com domínio da separação em palavras, estabilidade de palavras de ortografia regular e de irregulares mais frequentes na escrita e utilização de recursos do sistema de pontuação para dividir o texto em frases” (BRASIL, 1997, p. 80).

Em uma perspectiva socioeducacional, todas as variedades linguísticas são dignas de respeito. Porém, o valor que a sociedade atribui à língua culta é bem maior. Nesse sentido, deve-se assegurar aos estudantes o acesso ao conhecimento linguístico pleno, no qual a norma culta (bem como a ortografia) está inserida e torna-se cada vez mais uma exigência social.

Como expõe Bortoni-Ricardo (2006, p. 2) “os gramáticos de cada língua passam muitos anos, às vezes, até mais de um século, definindo as convenções da ortografia.” Nesse sentido, é necessário, para atender às exigências sociais, escrever todas as palavras de maneira correta, sob pena de ser julgado socialmente. Nessa perspectiva, é extremamente importante ensinar a ortografia, pois se na língua oral há flexibilidade, há variantes linguísticas, na modalidade escrita não há toda essa flexibilidade. Nesse sentido,

um professor não se pode eximir de corrigir uma soma aritmética errada. Não pode também ignorar uma palavra com erro ortográfico. Não se preocupará, porém, em fazer constantes intervenções na língua oral de seu aluno porque sabe que ali ele dispõe de flexibilidade para ajustar seus recursos linguísticos à situação de fala. Um professor poderá aceitar de seu aluno tanto “eu encontrei ele no jardim”, quanto “eu o encontrei no jardim”, dependendo do contexto em que o enunciado apareça. Mas não poderá jamais aceitar que o aluno escreva: “eu encontrei...” (BORTONI-RICARDO, 2006, p.3)

Como mencionado, a modalidade escrita da língua não é flexível como a modalidade oral. Por isso, todas as palavras que não seguem as normas de grafia são tidas como erro e tornam-se um empecilho durante a leitura, a qual se inicia por meio do processo de decodificação. Para decodificarmos mais facilmente é fundamental empregar a ortografia, esta que se apresenta como mais saliente no que toca ao julgamento do conhecimento da norma. Ressalta-se, assim, que aqueles que não fazem uso da ortografia deixam clara a falta de domínio da língua culta.

Quanto aos erros de grafia, é importante mencionar que podem ser resultado de dois fatores; há

erros de ortografia que resultam da interferência de traços da oralidade e erros que se explicam porque a escrita é regida por um sistema de convenções cujo aprendizado é lento e depende da familiaridade que cada leitor vai adquirindo com ela, em diversos suportes: livros e textos impressos em geral, áudios-visuais, internet e outros usos do computador, outdoors e quaisquer objetos portadores de textos (BORTONI-RICARDO, 2006, p 1).

Em outras palavras, a oralidade interfere tanto na escrita que muitos alunos, não conseguindo diferenciar a modalidade oral da modalidade escrita da língua, acabam, no momento de escrever, transcrevendo a fala, o que os leva ao não uso das regras de ortografia. Entretanto, ao passo que os estudantes adquirem um maior contato com a escrita correta das palavras, eles tendem a distinguir as duas modalidades e, por conseguinte, empregar a ortografia.

Acerca dos erros cometidos devido à oralidade, Faraco (2003) expõe que

muita gente pensa que a grafia representa diretamente a pronúncia (...). trata-se de um equívoco. Primeiro (...) o sistema tem memória etimológica. Em segundo lugar, porque a grafia – mesmo quando mantém constante a relação unidade sonora/letra – é, em certo sentido, neutra em relação à pronúncia. Ou dizendo de outra maneira, há muitas formas de pronunciar uma palavra (conforme a variedade da língua que se fala), mas há uma única forma de grafá-la. (FARACO, 2003, p. 11)

A título de exemplificação, vejamos o texto da figura 1, produzido por um dos alunos do 6º ano (antiga 5ª série) analisados por nós, que apresenta os erros categorizados acima por Bortoni-Ricardo (2006).

Figura 1: Texto produzido por aluno do 6° ano

19 Porco ou fuu que foi lioo limpo
Era uma vez um Porco porcação que
sempria nizia oufo uma vez oufo
umam com luras de Porcação bonito e limpo
O emtão o dono do Porco deu um abraço, se abra
e pentiou o Porco a farão de comcurso de Porcos
limpos e o Porco eo dono a felicidade em 5° lu-
gar e si latam a delizir.

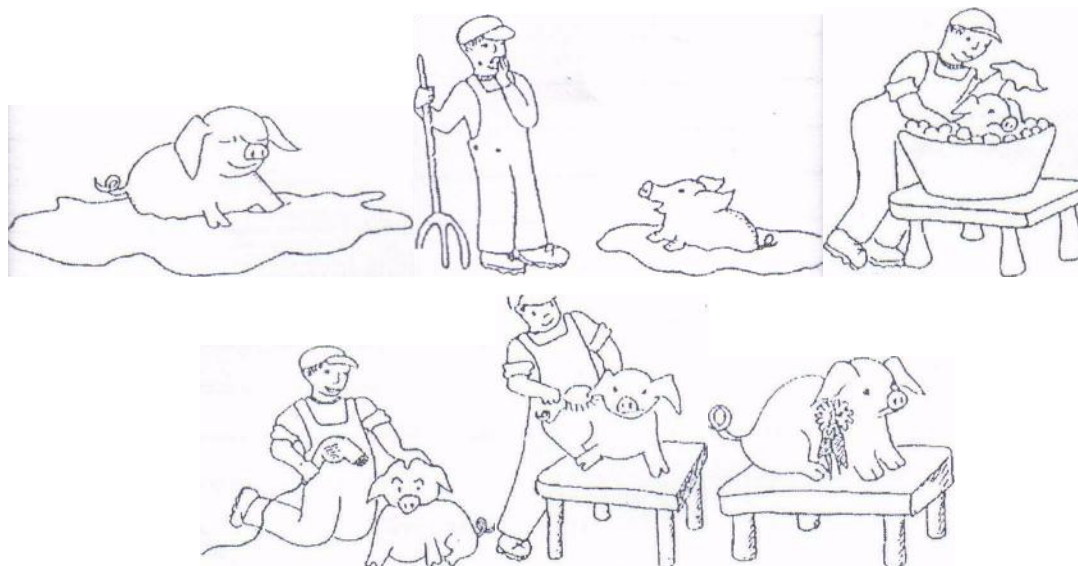
No texto 1, os dois tipos de erros mencionados são claramente perceptíveis. O estudante, na escrita de determinadas palavras, deixa de maneira nítida a ideia de que a grafia é o espelho da fala, como nas palavras “suju”, “sempri”, “ouve”, “pentiou”. Há erros também provenientes do pouco contato do aluno com o modo de escrever certas palavras, quais sejam: “limpo(s)”, “comcurso / com curso”, “emtão”, “forão”, “ficarão”, “felizez”. Tais desvios de grafia são, certamente, resultantes de métodos inadequados desde o período de alfabetização, visto que a criança vai à sala de aula e logo a professora começa a inseri-la no processo de memorização de letras e sílabas, descontextualizadamente.

Salienta-se ainda que o texto apresentado é apenas um dos 197 textos analisados. Ressalta-se que os problemas contidos na referida produção textual são presentes também na maioria das demais produções, independentemente da série escolar e da faixa etária dos alunos. Diante disso, nos questionamos: Será que nossos alunos preparados para, através da escrita, atender às exigências sociais? Será que a escola tem cumprido seu papel; o de oferecer as experiências necessárias para que os estudantes adquiram conhecimento da norma culta? Para respondermos a estas perguntas, empreendemos uma investigação de base quantitativa, cujos procedimentos são explicitados na seção a seguir.

2 – Procedimentos metodológicos

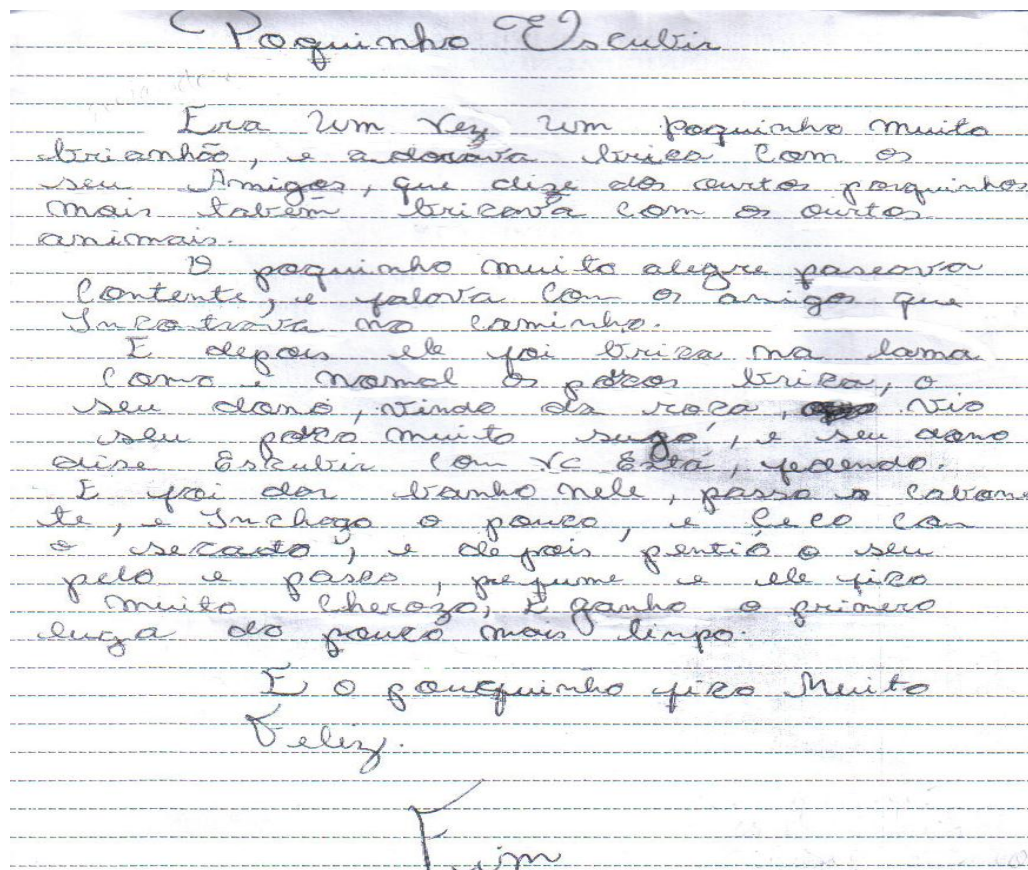
Os textos narrativos, objetos de nossa análise, foram resultados de uma proposta de atividade desenvolvida durante um de nossos encontros com os estudantes, em sala de aula. Levamos um cartaz no qual havia figuras em sequência, que conduziam a classe a uma narração. Pedimos, inicialmente, que alguns, voluntariamente, se dispusessem a contar de maneira oral a história. Em seguida, distribuímos aos discentes folhas padronizadas e propusemos que eles produzissem uma narrativa, tomando como base as imagens do cartaz, reproduzido na figura 2.

Figura 2: Cartaz mote para a produção dos textos



A título de ilustração, trazemos, na figura 3, uma das redações, na íntegra.

Figura 3: Redação produzida por um aluno



Transcrição do texto:

Poquinho Escubi

Era uma vez um poquinho muito brianhão, e adorava brica com os seu amigos, que diz de os outros poquinhos, mais tabém bricava com os ourtos animais.

O poquinho muito alegre paseava contente, e falava com os amigos que incontrava no caminho.

E depois ele foi brica na lama como é nomal os pocos brica, o seu dono, vindo da roça, viu seu porco muito sujo, e seu dono dise Escubi com vc está, fedendo.

E foi dar banho nele, passo a cabonete, e inchugo o pouco, e ceco com o secado, e depois pentio o seu pelo e pasco, perfume e ele fico muito cherozo, e ganho a primero luga do pouco mais limpo.

E o pouquinho fico muito feliz.

Fim

Posteriormente, passamos à leitura rigorosa dos textos coletados, a fim de buscarmos dados de desvios à norma ortográfica vigente. Os textos foram estratificados quanto à série escolar a que pertenciam os alunos: do 6º (antiga 5ª série) ao 9º (antiga 8ª série) ano. Ressalta-

se que não consideramos como erro as palavras que não atendiam ao novo acordo ortográfico, tendo em vista que a velha ortografia é válida até o final de 2012. Os dados obtidos estão distribuídos conforme a tabela 1.

Tabela 1: Distribuição dos textos e das ocorrências de desvios ortográficos nas narrativas produzidas

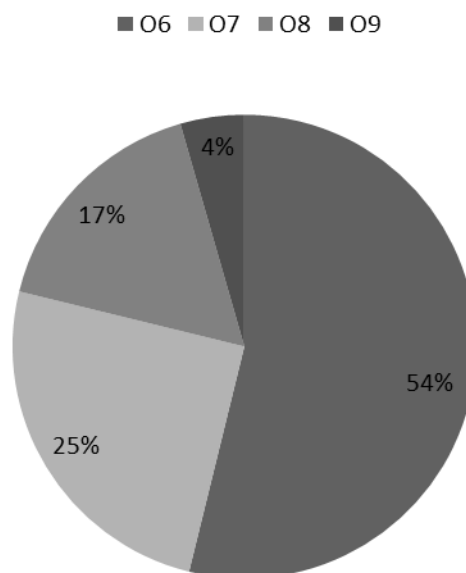
	Número de turmas	Número de textos produzidos	Número de dados coletados por série escolar
5ª série/ 6º ano	3	75	750
6ª série/ 7º ano	2	48	348
7ª série/ 8º ano	2	49	233
8ª série/ 9º ano	1	25	62
Total	8	197	1393

Finalizadas as etapas de coleta, codificação e quantificação, iniciamos a análise dos dados tabulados, apresentada na sequência.

3 – Erro de escrita: o que fazer?

O julgamento social atrelado ao emprego da norma culta tem feito crescer incessantemente a necessidade de segui-la. Não basta falar de acordo com tal variedade, é preciso, sobretudo, escrever de acordo com o que preconizam os compêndios gramaticais. Nesse sentido, o uso da ortografia é imprescindível. Parte-se desse pressuposto para analisar a grafia empregada em produções escritas pelos alunos já mencionados. Primeiramente, a análise refere-se à escrita errada das palavras, levando em consideração a série escolar dos alunos. Em seguida, analisa-se os tipos de erros de escrita. Para tal, toma-se como base a categorização proposta por Bortoni-Ricardo (2006).

Gráfico 1: Desvios ortográficos em função da série escolar



Os dados do gráfico 1 mostram que 54% dos desvios à norma ortográficas identificados nas produções textuais são provenientes de alunos do 6º ano (O6). Os desvios oriundos dos estudantes do 7º ano (O7) contabilizam 25% do total. Já o percentual de desvios provenientes das turmas do 8º ano (O8) chega a 17% e os 4% restantes referem-se aos desvios oriundos dos alunos do 9º ano (O9).

Como explicitado na metodologia, 197 estudantes produziram as narrativas escritas. Calculamos, então, médias de desvios ortográficos por alunos/redação em cada série, como forma de analisar comparativamente a quantidade de desvios das regras de grafia, que podem ser conferidos na tabela 2. Nas turmas do 6º ano, contabilizamos a média de 10 desvios por aluno, ao passo que nas turmas do 7º ano, a média alcança o índice de 7,25 desvios por estudante. Analisando as turmas do 8º ano, chega-se à média de 4,75 desvios por discente. O índice de desvios é menor na classe do 9º ano, alcançando o índice de 2,48 desvios por aluno.

Tabela 2: Amostra de desvios ortográficos por alunos/redação

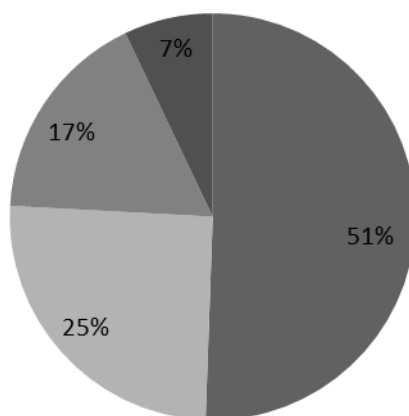
Médias de desvios ortográficos por alunos/redação	
Desvios por aluno/redação (6° ano)	10
Desvios por aluno/redação (7° ano)	7,25
Desvios por aluno/redação (8° ano)	4,75
Desvios por aluno/redação (9° ano)	2,48

Após o cálculo das médias, podemos perceber que há um progresso no tocante ao domínio da ortografia, tendo em vista o decréscimo de desvios em relação ao nível escolar dos alunos. Isto é, o índice de desvio regride, enquanto há uma progressão na série escolar.

Os resultados obtidos demonstram que os alunos têm progredido em relação ao uso das regras de grafia. Entretanto, a incidência de erros de escrita ainda causa preocupação, dado o alto índice de desvios, considerando a quantidade de textos produzidos e o tamanho desses textos (quase a totalidade das produções escritas é bastante curta).

Gráfico 2: Erros provenientes da influência da oralidade na escrita

■ 6° ano ■ 7° ano ■ 8° ano ■ 9° ano

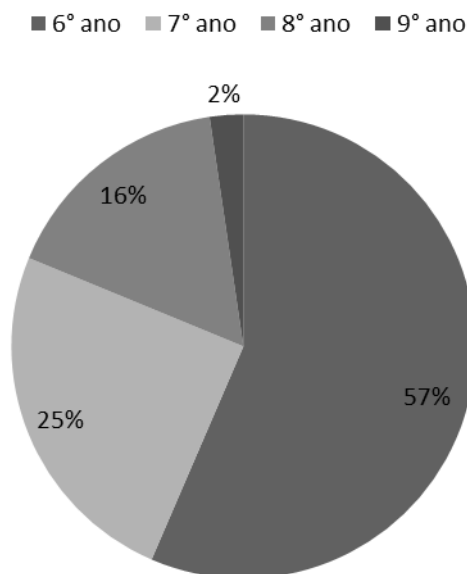


De acordo com o gráfico, os alunos do 6° ano (antiga 5ª série) são os que mais se deixam influenciar pelo modo como pronunciam as palavras. O percentual de 51% registrado nos textos produzidos pelos estudantes do 6° ano corresponde a 314 ocorrências. As demais

séries escolares obtiveram percentuais bem menores. Nas produções textuais dos alunos do 7º ano, registra-se o índice de 25%, ou 157 ocorrências de erros ocasionados pela influência da fala na escrita. Nos textos do 8º ano, os erros registrados atingem 17%, o que equivale a 106 erros. Já nos textos produzidos pelos estudantes do 9º ano, o percentual de erros registrados é de 7%, o equivalente a 44 erros. Nesse sentido, obtém-se o total de 621 erros ocasionados pela influência da oralidade na escrita nos textos produzidos pelos estudantes da Escola Professora Nivalda Lima Figueiredo.

O gráfico 3 mostra os resultados referentes à segunda categoria de erros proposta por Bortoni-Ricardo (2006).

Gráfico 3: Erros provenientes da pouca familiaridade do aluno com a ortografia das palavras



De acordo com o gráfico 3, nas produções textuais dos alunos do 6º ano registra-se o índice de 57% de ocorrência de erros ocasionados pelo contato insuficiente dos alunos com a escrita correta das palavras. Tal percentual corresponde a 436 ocorrências. Nos textos produzidos pelos alunos do 7º ano, o percentual registrado é de 25%, o que equivale a 191 ocorrências de erros. Já nos textos produzidos pela turma do 8º ano, o índice obtido é de 16%,

ou 127 ocorrências. E nos textos produzidos pelos estudantes do 9º ano, o percentual obtido é de 2%, o correspondente a 18 ocorrências de erros provenientes do pouco contato do aluno com a escrita das palavras. Os valores obtidos totalizam o índice de 772 ocorrências.

Como visto, a análise dos dados mostra que a maior quantidade de erros na escrita das palavras provém do pouco contato que os estudantes têm com a ortografia dessas palavras. Salienta-se ainda que mesmo os erros provenientes de influência da fala na escrita revelam que os estudantes não têm grande familiaridade com as palavras escritas.

O índice de desvios de grafia é motivo de preocupação, apesar de decair ao longo das séries escolares. É fato, houve um progresso dos alunos em relação à grafia correta das palavras, e isso se deve à escola. Entretanto, há muito a ser melhorado, principalmente nas séries do primeiro segmento do Ensino Fundamental, tendo em vista o número alarmante de erros de grafia nas produções textuais dos alunos do sexto ano. Por hipótese, acreditamos que se o índice de erros de escrita é alto nessa série, deve ser ainda maior nas séries anteriores, o que implica possíveis problemas na alfabetização.

Se analisarmos verticalmente a frequência de erros, ou seja, de uma série para a outra, percebemos que os alunos têm progredido quanto à escrita correta. Contudo, ao analisarmos os resultados horizontalmente, isto é, dentro de cada série escolar, constatamos que o número de erros por aluno parece estar acima do esperado, sobretudo nas duas primeiras séries do segundo segmento do Ensino Fundamental.

É certo que se cria um estigma quanto aos erros de grafia em um texto, ou seja, quanto maior o número de erros de escrita, mais negativo é o juízo de valor de quem o lê, apesar de a ortografia não ser o critério mais importante, atualmente, para a avaliação de uma produção textual. Ainda assim, seguir as regras de escrita é importante.

Dado o avanço do uso das regras de ortografia, como corroborado através dos gráficos, é imprescindível que reconheçamos que a escola tem mérito nisso. Todavia, as ações que ela desenvolve ainda não são suficientes.

Ambas as naturezas dos erros cometidos (a influência da fala na escrita e o pouco contato do estudante com as palavras), a nosso ver, decorrem da falta de prática de leitura, atividade fundamental para o desenvolvimento das habilidades de escrita (não só no que toca

a coesão e a coerência, mas também em relação à ortografia). Em decorrência disso, propomos a elaboração de atividades que explorem a leitura dos estudantes, de modo que eles venham a dominar, além de outras coisas, a ortografia. Não é necessário que ele memorize as regras, mas que saiba a forma correta de escrever as palavras. Para tanto, é preciso que o professor ofereça-lhe uma gama de textos de diversos gêneros, tais como revistas em quadrinhos, romances, piadas, notícias, entre outros.

Além disso, é interessante a aplicação de atividades de produção textual, por meio das quais o docente deve ensinar aos estudantes a trabalharem com o dicionário. Pode também propor atividades de leitura livre, através das quais o professor pode estimular o gosto e o hábito pela leitura, promovendo, por conseguinte, um contato maior dos discentes para com as palavras.

O professor pode também organizar visitas a determinados locais como supermercados (possibilitando a leitura de marcas de produtos alimentícios, de limpeza etc), bancas de revistas (onde os discentes deparam-se com variados tipos de jornais e revistas), lanchonetes ou restaurantes (o cardápio apresenta um vocabulário rico e muito agradável). Durante o percurso de visitas, certamente, haverá numerosos anúncios publicitários expostos (*outdoors*), os quais apresentam palavras possivelmente desconhecidas pelos estudantes. De volta à sala de aula, o docente deve questionar a turma a respeito das visitas e, principalmente, do contato com as palavras. Em seguida, pode propor exercícios em que os alunos tenham que escrever as palavras vistas durante o passeio.

Enfim, é preciso que o ensino de ortografia esteja pautado no contexto em que vive o aluno. É necessário que as palavras façam sentido para o estudante, que elas sejam usadas em contextos reais (por isso a importância de se explorar os gêneros textuais). Dessa forma, certamente, o aluno perceberá e entenderá a importância de usar as regras ortográficas.

Considerações finais

As línguas naturais são flexíveis, heterogêneas, dinâmicas e variáveis, sobretudo na modalidade oral. Na modalidade escrita, porém, essa flexibilidade é menor. É preciso seguir

um padrão de escrita (a ortografia), como forma de se fazer perdurarem os registros. Em outras palavras, através das convenções da escrita, é possível que um texto do século XIX, como um dos de Machado de Assis, seja compreendido por nós, no século XXI, pois o processo de mudança é muito mais lento do que na fala.

Seguir as regras de escrita é, de certa forma, uma imposição social. Quem não as segue, pode ser estigmatizado. Nesse sentido, uma das funções da escola é prover os alunos com os meios necessários para que aprendam as regras de ortografia e usem-nas cotidianamente. Entretanto, há muitas propostas e métodos que não surtem efeito, tendo em vista que são descontextualizadas. Dadas a necessidade e a importância do uso das regras de ortografia, neste trabalho nosso intuito foi identificar os possíveis erros de grafia dos alunos, a fim de pautarmos o desenvolvimento de ações interventivas na escola.

Através da análise dos gráficos, constatamos que há um avanço no uso das regras ortográficas de acordo com a progressão escolar. Entretanto, a análise de cada série, individualmente, indica que é alto o número de erros de escrita, o que revela um problema a ser resolvido no ensino de ortografia, possivelmente sanado com o desenvolvimento do trabalho com a leitura, conforme propusemos anteriormente.

A escrita correta das palavras é o primeiro passo para se aproximar da norma de prestígio na modalidade escrita. É também a primeira etapa por meio da qual se desenvolve a leitura, a qual “favorece a remoção de barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através de promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual (...)” (BAMBERGER, 1988, p. 11). Nessa perspectiva, nós, bolsistas do PIBID, diante do resultado obtido, nos propomos a executar as atividades propostas neste trabalho, como forma de amenizar o problema.

Referências bibliográficas

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. 8ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria. COELHO, Izete Lehmkuhl (Orgs.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: EdUFSC, 2006, p.267-276.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, 1997.

DIAS, Danielle Gomes; SANTOS, Shayane Ferreira dos; NOGUEIRA, Liliana Azevedo; OLIVEIRA, Margaret Coelho de; CARVALHO, Luzia Alves de. *O ensino e a aprendizagem de ortografia*. Disponível em WWW.perspectivasonline.com.br volume 3, número 9, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. *Escrita e alfabetização*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 39-46.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Contradições no ensino de Português: a língua que se fala X a língua que se ensina*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

VOTRE, Sebastião Josué. *Relevância da variável escolaridade*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 51-57.